

AS CONTRIBUIÇÕES DO PIBID PARA FORMAÇÃO DE LICENCIANDAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA /UEPB: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

Nathalia Rodrigues Araújo; Luanna Raquel Gomes Macedo; Albanisa Pereira Da Silva; Valéria de Araújo Lima; Elizabete Carlos do Vale

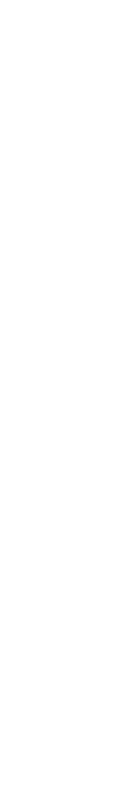
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
nathipx19@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as contribuições do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) para o processo de formação inicial de alunas bolsistas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), bem como para os alunos de uma escola pública conveniada ao programa. Desse modo, no presente trabalho faremos um relato sucinto do desenvolvimento do Projeto de intervenção didática intitulado “Jogando e brincando: ler e escrever fica mais divertido” desenvolvido numa turma de 2º ano na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Dr. Severino Cruz, Campina Grande/PB. A realização de tal projeto visou reforçar práticas de letramento através da realização de atividades diversas de leitura e escrita a partir de atividades lúdicas. Para realizar as análises e discussões foram utilizados como subsídios teóricos: Antunes (2006); Galvão (2007); Pimenta (2004); Sartori (2011), dentre outros. Dessa forma, é possível constatar que o PIBID exerce fundamental importância para a formação acadêmica dos bolsistas além de contribuir para melhoria da educação básica pública.

Palavras-chave: PIBID; Formação Docente. Projeto Didático.

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) foi criado em 2007 pelo Ministério de Educação, cuja iniciativa ficou a cargo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que tem por finalidade promover a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira, através da concessão de bolsas a alunos de licenciaturas, a professores (supervisores) da educação básica e a professores das Instituições de Educação Superior (IES) credenciadas. Seu principal objetivo é contribuir para a valorização do magistério e para a melhoria da qualidade da educação pública, a partir da articulação teórico-prática, desenvolvida pela interação entre universidades e escolas públicas. De acordo com documentos do Ministério da Educação (MEC): “A intenção do programa é unir as secretarias estaduais e municipais de educação e as universidades públicas, a favor da melhoria do ensino nas



escolas públicas em que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) esteja abaixo da média nacional, de 4,4” (BRASIL, 2012).

Nesse sentido de acordo com o MEC, os projetos das Instituições de Educação Superior (IES) devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas, a fim de proporcionar a estes competências e capacidades didático-pedagógicas requeridas para o exercício da docência. O contato direto com o cotidiano escolar permite ao aluno bolsista estabelecer relações entre os fundamentos teóricos estudados na graduação com a prática no ambiente escolar, além de estimulá-lo a tornar-se um professor investigador de sua própria prática.

De acordo com Pimenta (2004), a vivência no cotidiano escolar proporciona aprendizagens indispensáveis, tais como: sentido da profissão, o que é ser professor na sociedade em que vivemos como ser professor, a realidade dos alunos e da escola, entre outras questões que envolvem todo o contexto da educação escolarizada. Partindo desse aspecto, o Pibid, sem dúvida alguma contribui de forma significativa para a melhoria do processo formativo inicial de licenciandos, bem como para as professoras da educação básica que passam a contar com a participação e contribuição de alunos bolsistas na realização de atividades didáticas inovadoras no cotidiano da sala de aula. Sobre esse aspecto, nos reportamos a Sartori (2011, p. 2), quando afirma que: “O Pibid constitui-se numa das alternativas potenciais para fortalecer a formação inicial”, proporcionando aos alunos bolsistas o contato direto com a realidade vivenciada diariamente nas escolas.

A partir de um diagnóstico inicial sobre a turma com a qual iríamos atuar, constatamos a necessidade de ações que reforçassem as práticas de letramento visando o desenvolvimento de aprendizado significativo da leitura e da escrita dos alunos. Para tanto, organizamos um projeto de intervenção didática através do qual desenvolveríamos propostas de metodologia mais dinâmicas e inovadoras para a realização de atividades que envolvessem leitura e escrita. Vale salientar que a realização de atividades através de projetos didáticos é cada vez mais comum no cotidiano das escolas, visto que, conforme destacado na Revista Nova Escola¹, o Projeto didático é um tipo de organização e planejamento do tempo e dos conteúdos que envolvem uma situação-problema. Seu objetivo é articular, propósitos didáticos (o que os alunos devem aprender) e propósitos sociais

¹ Revista Nova Escola: 14 perguntas e respostas sobre projetos didáticos. (2011). Disponível em:

<https://novaescola.org.br>





(realização de exposição, a ser apreciada por outras pessoas). Assim, além de dar um sentido mais amplo às práticas escolares, o projeto evita a fragmentação dos conteúdos e envolve os alunos no processo de realização do mesmo, tornando-os corresponsáveis pela própria aprendizagem.

METODOLOGIA

O presente trabalho configura-se como um relato de experiência desenvolvido numa turma de 2º ano do ensino fundamental da EMEF Dr. Severino Cruz, Campina Grande/PB, por meio do desenvolvimento do Projeto didático intitulado “Jogando e brincando: ler e escrever fica mais divertido”. Tal projeto foi desenvolvido durante o período de Março á Novembro de 2017, através de jogos e de brincadeiras pedagógicas, a fim de despertar e aprimorar os conhecimentos acerca da leitura e da escrita dos alunos. O referido projeto de intervenção foi dividido em três etapas: inicialmente fizemos uma sondagem com as crianças a fim de absorver quais estavam habilitados na leitura e na escrita; em seguida, foi realizada uma confecção de materiais pedagógicos, como: jogos e alguns materiais disponibilizados pela instituição escolar concedente, logo após aplicamos algumas atividades utilizando recursos didáticos, com a finalidade de contribuir com o desenvolvimento integral da criança, bem como a desenvoltura de habilidades de leitura e escrita.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

PRÁTICAS DE INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS NA ESCOLA:

1. DIAGNOSTICANDO OS NÍVEIS DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

O aprendizado da leitura e de escrita, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental é considerado uma das aprendizagens mais complexas a serem desenvolvidas pelas crianças o seu ensino, um grande desafio para professores, por diversas razões, visto que, conforme ressaltam Brandão e Micheletti, (2007), o ato de ler é um processo abrangente e complexo,

É um processo de compreensão, de intelecção de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação da palavra. Da palavra enquanto signo, variável e flexível, marcado pela mobilidade que lhe confere o contexto. Contexto entendido não só no sentido mais restrito de situação imediata de produção do discurso, mas naquele sentido que enraíza histórica e socialmente o homem. (BRANDÃO e MICHELETTI, 2007, p.17)



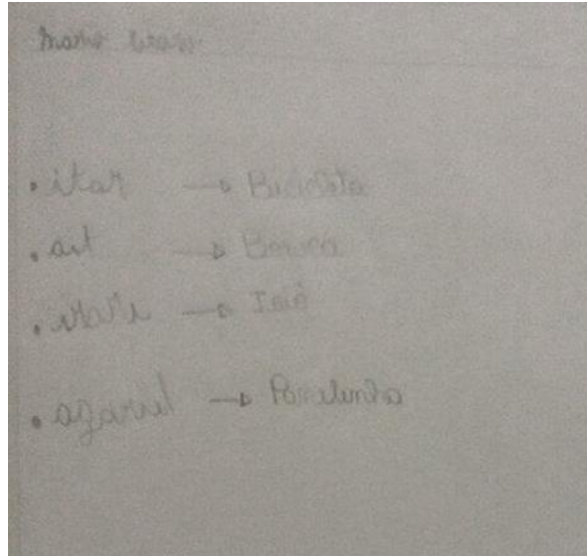


mas também social, motora, afetiva, tais como: atenção, concentração, criatividade, raciocínio lógico, socialização com os colegas, autonomia, as quais oferecem suporte para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. De acordo com Antunes (2006, p. 62) “o jogo é o mais eficiente meio estimulador das inteligências, permitindo que o indivíduo realize tudo que deseja. Quando joga, passa a viver quem quer ser, organiza o que quer organizar, e decide sem limitações”. Para o autor, a ludicidade do jogo proporciona momentos mágicos e únicos na vida de uma criança, pois ao mesmo instante que diverte, ensina e desenvolve o raciocínio e a criatividade além de obter responsabilidade diante da situação colocada ao aluno.

O domínio da leitura e da escrita em nossa sociedade atual, caracterizada como sociedade do conhecimento e da tecnologia é condição para o exercício da cidadania de uma sociedade. Diante disso, o domínio da linguagem escrita, bem como fazer uso dela é imprescindível em nossa sociedade moderna, pois, como afirma Galvão (2007), “a alfabetização é considerada um dos pilares da cultura contemporânea, pelo valor que leitura e a escrita adquiriram no modo de vida nas sociedades urbano-industriais permeadas pela ciência e tecnologia, e também por ser uma ferramenta que permite o desenvolvimento de outras habilidades”.

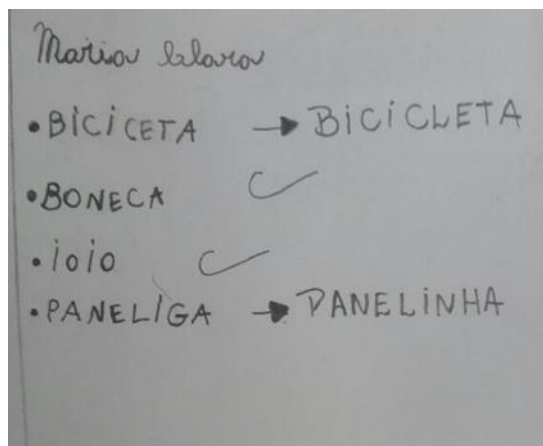
Com a intenção de diagnosticar o nível de leitura e de escrita dos alunos, aplicamos no início do ano letivo (março/2017) uma atividade em que propúnhamos as crianças a partir de um tema que envolvesse todos, como “brinquedo”, a escrita (da forma que sabiam) numa folha de nomes dos seus brinquedos prediletos, a partir do que íamos ditando os nomes de brinquedos. Destacamos as atividades desenvolvidas pela aluna Maria Clara, que escreveu o nome dos seguintes brinquedos de sua preferência: bicicleta, boneca, ioiô e panelinha. Vale salientar que foi dado o tempo necessário para a produção da escrita pelos alunos, não houve cobranças ou pressão, possibilitando aos mesmos fazer o uso de todo o conhecimento que possui sobre o sistema de escrita, como podemos verificar na imagem abaixo na atividade de Maria Clara:





Diagnóstico individual de Maria Clara em Março/2017

Após a análise do material recolhido, percebemos que escrita ainda não representa a fala. No caso específico, a aluna não usa cada letra para representar uma sílaba da palavra, ou seja, usa letras aleatórias sem valor sonoro, tenta criar diferenciações entre os grafismos produzidos a partir do arranjo das letras que conhece, não estabelecendo vínculo entre a fala e a escrita. Um dos objetivos dessa atividade, foi diagnosticar os níveis de aprendizado da leitura e escrita dos alunos para a partir daí, definir atividades coletivas que envolvam o aprendizado da leitura e escrita e ações de acompanhamento individualizado junto as crianças que apresentassem maiores dificuldades. Maria Clara foi uma das alunas que passou a receber mais atenção e acompanhamento individualizado. A aluna recebia nosso acompanhamento semanalmente e, durante esse tempo ensinávamos e reforçávamos práticas de leitura e escrita. Após 08 meses do seu primeiro diagnóstico, resolvemos refazer a mesma atividade para comprovar (ou não) o seu rendimento. Abaixo está a imagem da mesma atividade realizada por Maria Clara no mês de novembro/2017.



Nitidamente, podemos perceber o grande avanço da aluna com relação à escrita. Anteriormente, a mesma não conseguia acertar nenhuma sílaba contida nas palavras. Hoje mesmo não conseguindo relacionar alguns sons das sílabas a escrita e acertando a palavra por completo, é notável que a mesma já consegue estabelecer a relação da palavra falada com a palavra escrita. É perceptível também, a melhora na grafia da aluna. Consideramos assim, de extrema importância cultivar atividades lúdicas no cotidiano escolar como um instrumento facilitador da aprendizagem.

2. RODAS DE LEITURA

A realização da atividade denominada de “Roda de Leitura Diária” foi outra ação desenvolvida dentro do Projeto de intervenção didática, esta era sempre realizada logo após o recreio, quando os alunos voltavam para a sala de aula sentavam-se e preparavam-se para ouvir a leitura a ser realizada, na maioria das vezes, pela professora. Essa prática tinha como objetivo estimular o hábito e o prazer pela leitura como um exercício diário visando aguçar a criatividade, imaginação e o interesse pela leitura para a formação de pequenos leitores.

De acordo com Garcia (2006), a dinâmica das rodas de leitura tem uma significação pedagógica importante, visto que nesse tipo de atividade não há uma hierarquia preestabelecida, todos são construtores de conhecimentos. Aquele que conta a história não é um ditador, e sim, mais um sujeito entre todos os presentes. Na escola em questão, observa-se que a escolha do livro a ser lido é sempre uma surpresa e que a construção de significados dos alunos é realizada de uma maneira que engloba aspectos pessoais e experiências vivenciadas por cada um em sua vida cotidiana. Após a realização da leitura, a professora socializa com os alunos o que eles entenderam e gostaram na história. Dessa forma, torna-se perceptível o quanto esse ato contribui para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos e promove o desenvolvimento sócio afetivo dos mesmos durante a socialização.

A experiência leitora desses alunos fará nascer o gosto e interesse por um mundo repleto de magia. Garcia (2006, p. 29) explicita que a roda de leitura “[...] privilegia a escuta, o diálogo e a negociação de significados”. O aluno aprende a escutar aquele que conta a história, a dialogar sobre a mesma em conjunto com todos e a compartilhar os diversos significados implícitos e subjetivos do texto lido.



3. ACOMPANHAMENTO INDIVIDUAL

É notório com as experiências do programa, que é de extrema importância o acompanhamento individualizado e que realmente torna-se um ponto-chave para a aquisição de leitura e escrita, em que o professor faz todo um processo de acompanhamento onde diagnostica os avanços e dificuldades de toda a turma e também de forma individual, já que é fundamental o professor levar em consideração as peculiaridades e as especificidades de cada criança, já que cada uma tem seu modo de agir, pensar e sentir. As crianças se desenvolvem de maneira singular, cada uma em seu tempo e com características particulares, isso deve ser observado pelo professor que convive diariamente com elas, observando em quais atividades as crianças se destacam, quais elas têm dificuldades em desenvolver, entre outros, para, a partir disto, buscar estratégias que visem suprir as necessidades de aprendizagem dos alunos. Vale salientar que além das atividades coletivas extremamente importantes para a melhoria da aprendizagem dos alunos, desenvolvidas no decorrer do projeto, as atividades de atendimento individualizado foi um diferencial para que conseguíssemos que muitos alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem superassem tais dificuldades e tivessem resultados satisfatórios na aprendizagem.

Os referenciais teóricos estudados no curso aliado ação didática por nós desenvolvida junto às crianças, sob orientação da professora supervisora da escola conveniada nos permitiu uma melhor compreensão de que o ensino e o aprendizado da leitura e escrita são processos indissociáveis e complexos. Atuar a partir dessa complexidade exige o planejamento de ações

didáticas dinâmicas e criativas que visem o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa dos alunos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) tem sido uma oportunidade de grande importância para nossa formação enquanto futuras professoras, aliás, podemos afirmar que tem sido um diferencial para compreendermos com maior clareza o papel do professor das séries iniciais do ensino fundamental, os desafios do cotidiano escolar e da prática educativa e a necessidade de domínio não só dos conteúdos de ensino, mas também da realização de ações pedagógicas dinâmicas e criativas. Diferentemente, do estágio curricular dos cursos de licenciatura, o Pibid proporciona uma vivência mais sistemática e contínua no cotidiano escolar permitindo aos licenciandos bolsistas estabelecer relações entre teoria e prática, além de estimular ser um professor pesquisador.

Portanto, a partir das nossas experiências e aprendizagens adquiridas no processo de formação teórico-prática, proporcionadas pelo Pibid podemos afirmar que esse programa tem sido um diferencial visto que, oportuniza aos futuros professores, além de conhecimentos didático-metodológicos, a oportunidade de analisar, constatar e refletir acerca dos conhecimentos teóricos estudados no decorrer da graduação articulando-os à prática desenvolvida na escola conveniada com o programa. A partir do conhecimento “*in loco*” da escola e de seus sujeitos, das orientações das professoras supervisora e orientadora do Pibid, das reflexões que realizamos sobre nossas



práticas, foi possível realizar um trabalho significativo e proveitoso em prol da melhoria da aprendizagem dos alunos da escola com os quais atuamos mais diretamente.

No decorrer da nossa experiência na escola, compreendemos essencialmente, que o papel do educador em suas intervenções é o de estimular, observar e mediar, criando situações de aprendizagem significativa. É fundamental que este saiba produzir perguntas pertinentes que façam os alunos pensarem a respeito do conhecimento que se espera construir, pois uma das tarefas do educador é, não só fazer o aluno pensar, mas acima de tudo, ensiná-lo a pensar certo. Diante do exposto, é possível compreender que para tornar-se um docente capacitado para atuar em sua área profissional é preciso ter disponíveis condições adequadas e favoráveis para a obtenção de uma formação de qualidade, nesse aspecto reside a importância do Pibid.

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, Celso. **Inteligências múltiplas e seus jogos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. P. 62.

BRASIL. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: currículo inclusivo: o direito de ser alfabetizado: ano 3: unidade 1. -- Brasília: MEC, SEB, 2012.

_____. CAPES. **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid>. Acesso em: 13 jun 2017.

GALVÃO, Ana M^a de O. Vivendo o preconceito e a condição de analfabeto. In: GALVÃO, Ana M^a de O. DI PIERRO, M^a Clara. **Preconceito contra o analfabeto**. São Paulo: Cortez, 2007.

GARCIA, Pedro Benjamim. Oralidade, escrita e memória: experiências com rodas de leitura e “conversa de rua”. In. **Oralidade, memória e formação**. 2006. Disponível em:

<https://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/1426100533806.pdf>. Acesso em: 21 nov 2017.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Por que o estágio para quem não exerce o magistério: o aprender a profissão. In.: **Estagio e Docência**. – São Paulo: Cortez, 2004.

SARTORI, J. Formação de professores: conexões entre saberes da universidade e fazeres na educação básica. In: **Anais do II Encontro Institucional do PIBID UFRGS/Porto Alegre**, 01 e 02 de março de março de 2011.

